

O PAI DE FAMÍLIA

Isto acontece, por norma, depois de uma perda sensível às cartas, ou quando, depois de uma bebedeira, a gastrite dá sinal de si. Stepan Stepánitch Jílin acordou num estado de humor extraordinariamente sombrio. Tem um aspecto azedo, gasto, desgrenhado, na cara cinzenta uma expressão descontente: de ofensa, de repugnância? Veste-se devagar, bebe devagar a sua água de Vichy e põe-se a deambular por todas as salas.

— Gostava de saber quem é o ca-ca-canalha que passa por aqui e não fecha as portas! — resmunga com raiva, agasalhando-se no roupão e cuspidando ruidosamente. — Arrumai este papel! Porque está aqui espalhado? Temos vinte criados, mas a desordem é pior do que numa taberna. Quem tocou à porta? Quem é que o Diabo nos traz?

— É a parteira Anfissa que me assistiu quando foi o parto do nosso Fédia — responde a mulher.

— Arrasta-se para aqui... cada parasita!

— Não sei o que tu queres, Stepan Stepánitch. Ora a convidas, ora ralhas por ela cá vir.

— Eu não ralho, falo. O que tu devias era ocupar-te com alguma coisa, mãezinha, sempre é melhor do que ficares de braços cruzados a arranjar discussões! Não compreendo este mulherio, palavra de honra! Não com-pre-en-do! Como é que elas conse-

quem passar o dia sem fazerem nada? O marido farta-se de trabalhar, de labutar como um boi, como um ca-ca-cavalo de carga, e a esposa, a companheira de uma vida, fica sentada, armada em boneca, e não faz nadinha, fica só à espera da oportunidade de se zangar com o marido. Pois, se não tem mais nada que fazer. Já era tempo de esqueceres esses hábitos de menina de internato! Já não és uma estudante, já não és uma donzela, és mãe, és esposa! Viras-me a cara? Po-ois! Não te agrada ouvir as verdades amargas?

— É curioso que digas as verdades amargas apenas quando estás mal do fígado.

— Sim, sim, começa com as cenas, começa...

— Ontem foste para fora de portas? Ou foste jogar às cartas para casa de alguém?

— E se fosse? Ninguém tem nada a ver com isso! Será que tenho de dar contas a alguém? Será que não é o meu dinheiro que perco às cartas? Tudo o que eu gasto e tudo o que se gasta nesta casa é meu! Tudo! Ouviram? É meu!

E assim por diante, tudo no mesmo diapasão. Porém, Stepan Stepánitch nunca é mais ponderado, virtuoso, severo e justo do que durante o almoço, com toda a família à mesa. Tudo começa, habitualmente, com a sopa. Mal engole a primeira colherada, Jílin, de repente, franze a cara e deixa de comer.

— Raios partam!... — murmura ele. — Parece que vou ser obrigado a alimentar-me nos restaurantes.

— O que se passa? — preocupa-se a mulher. — A sopa não está boa?

— Não sei que paladar de porco é preciso ter para comer esta lavadura! Salgadíssima, tresanda a trapo podre... tem percevejos em vez de cebola... Isto é revoltante! Anfissa Ivánovna! — dirige-se ele à convidada parteira. — Todos os dias entro com uma pipa de dinheiro para as provisões... poupo comigo, no mais necessário, e veja lá agora o que me dão de comer! Às tantas querem que me demita do serviço e vá eu próprio trabalhar para a cozinha.

— A sopa hoje está boa... — observa timidamente a preceptora.

— Ah, sim? A senhora acha? — diz Jílin, olhando-a com raiva por entre a fenda dos olhos franzidos. — De resto, cada qual tem o seu gosto, e o meu gosto e o seu, Varvara Vassilievna, divergem muito. A senhora, por exemplo, gosta do comportamento deste rapaz (Jílin aponta com um dedo trágico para o seu filho Fédia), a senhora transborda de entusiasmo por ele, mas eu... eu estou indignado. Pois!

Fédia, um rapazinho de sete anos de cara pálida e enfermiça, deixa de comer e baixa os olhos. Empalidece ainda mais.

— Pois é, a senhora transborda, mas eu indigno-me... Não sei quem tem razão, mas atrevo-me a pensar que eu, como pai, conheço melhor o meu filho do que a senhora. Olhe como ele está sentado! Acha que é assim que devem sentar-se as crianças educadas? Senta-te bem!

Fédia levanta o queixo e estica o pescoço, com a ideia de que assim ficaria sentado mais direito. Os olhos do rapaz enchem-se de lágrimas.

— Come! Pega na colher como deve ser! Anda lá, anda, que eu trato-te da saúde! Não chores, não te atrevas! Olha-me nos olhos!

Fédia tenta olhá-lo nos olhos, mas o rosto treme-lhe e as lágrimas marejam-lhe a visão.

— Ah, ah, resolveste chorar? Sai já da mesa, vai para o canto, seu porco!

— Mas... que almoce primeiro! — tenta defendê-lo a mulher.

— Fica sem almoço! Cana... traquinas como ele não têm direito a almoço!

Fédia, com a cara num esgar e todo a tremer, desliza da cadeira e vai para o canto.

— Ainda levas mais! — continua o progenitor. — Já que ninguém trata da tua educação, trato eu, vais ver... Comigo, meu caro senhor, não vais fazer asneiras, não vais chorar à mesa! Parvalhão! Tens de cumprir os teus deveres! O teu pai farta-se de trabalhar, tu também tens de trabalhar! Aqui ninguém tem o direito de comer o seu pão sem trabalhar! Tens de ser um homem! Ho-mem!

— Pare, por amor de Deus! — pede-lhe a mulher em francês. — Pelo menos na presença de estranhos, não nos serrazine a cabeça... A velha ouve, e agora, pela boca dela, toda a cidade vai ficar a saber...

— Não tenho medo nenhum dos estranhos — responde Jílin em russo. — Anfissa Ivánovna bem vê que eu tenho razão para falar. Com que então, a teu ver, eu teria de estar satisfeito com o rapaz? Sabes quanto ele me custa? Sabes, seu nojento, quanto é que me custas? Achas que fabrico o dinheiro, que o dinheiro cai do céu? Não chores! Caluda! Ouviste ou não ouviste? Ou queres que te açoite, seu velhaco?

Fédia solta um guincho e desata a chorar.

— É insuportável! — diz a mãe, atirando com o guardanapo e saindo da mesa. — Nunca deixas as pessoas almoçar em paz! Já estou por aqui com o teu pão!

Faz o gesto de quem está farta e, levando o lenço aos olhos, sai da sala de jantar.

— Pois, estamos ofendidas... — resmungua Jílin, com um sorriso forçado. — Temos uma educação muito fina... Pois é, Anfissa Ivánovna, hoje em dia não se gosta de ouvir as verdades... Agora eu é que tenho a culpa!

Passam-se alguns minutos de silêncio. Jílin passa o olhar pelos pratos e, vendo que ainda ninguém tocara na sopa, suspira fundo e crava o olhar no rosto corado e cheio de preocupação da preceptora.

— Porque não come, Varvara Vassilievna? — pergunta ele. — Ofendeu-se, foi? Pois... Não lhe agrada ouvir a verdade. Olhe, peço desculpa, mas a minha natureza é assim, não gosto cá de hipocrisias... Digo sempre a verdade crua e dura (um suspiro). Mas vejo que a minha presença aqui é desagradável. Na minha presença não se pode conversar nem comer... Então?... Já podiam ter dito, ia-me embora... E vou mesmo.

Jílin levanta-se e, com muita dignidade, dirige-se para a porta. Ao passar ao lado de Fédia, que chora, Stepan Stepánitch pára.

— Depois de tudo o que aconteceu agora aqui, o menino está livre! — diz a Fédia, lançando a cabeça para trás com dignidade. — Não vou interferir mais na sua educação. Lavo daí as minhas mãos! Ao querer sinceramente o seu bem, como pai, parece que incomodei o menino e as suas educadoras. Peço desculpa. Mas a partir daqui enjeito toda a responsabilidade pelo seu destino, de uma vez por todas...

Fédia volta a guinchar e a chorar ainda mais alto. Jílin, com dignidade, volta-se para a porta e vai para o seu quarto.

Depois da sesta, Jílin começa a ter remorsos. Tem vergonha em relação à mulher, ao filho, a Anfissa Ivánovna e, ao recordar o que acontecera ao almoço, sente-se insuportavelmente horrorizado consigo mesmo; mas o seu amor-próprio é enorme, falece-lhe a coragem de ser sincero, por isso continua amuado e a resmungar...

No dia seguinte acorda de bom humor, assobia alegremente enquanto lava a cara. Entra na sala de jantar para tomar o café e já lá encontra o Fédia que, ao ver o pai, se levanta e olha para ele com embaraço.

— Então, jovem? — pergunta alegremente Jílin, sentando-se à mesa. — Alguma novidade? Conta lá! Estás bem? Anda cá, campeão, dá um beijo ao pai.

Fédia, pálido, com uma cara muito séria, aproxima-se e aflo-
ra com os lábios trementes a bochecha do pai, depois afasta-se e senta-se, calado, no seu lugar.